

Catulo da Paixão Cearense (1866 - 1946)

Em caminho do sertão

Toada-canção

Toada

voz, violão

(voice, acoustic guitar)

4 p.



MUSICA BRASILIS

EM CAMINHO DO SERTÃO

TOADA CANÇÃO

Música de: CATULLO DA PAIXÃO CEARENSE

Introdução
Violão

The musical score is written in treble clef with a common time signature (C). It consists of six staves of music. The first staff is an introduction for guitar, marked 'Introdução Violão', with a tempo of 'C' and a 'rall.' instruction. The second staff is marked 'Calmo' and 'C', with a 'rall.' instruction. The third staff has a tempo of 'C'. The fourth staff has a tempo of 'C' and a 'rall.' instruction. The fifth staff is marked 'Alegre' and 'E7', with a 'p' dynamic marking. The sixth staff has a tempo of 'C'. Chord symbols are placed above the notes throughout the score.

Chord symbols: C, G7, C, G7, Canto, C, G/B, Am, Em/G, F7+, Em, Dm9, G7, C, Am, E7/G#, Am, E7, Am, Em/G, D7, G7, C, E7, Am, E7, Am, #p, A7, Dm, A7, Dm.



10 vezes ao  e 



Em Caminho do Sertão

(A ASTÉRIO DE CAMPOS)

Bardo ou Poeta, cujas rimas
são da poesia o tesouro,
que cantas em rimas de ouro
a tua consagração,
fecha os cristais dos ouvidos,
não ouças, por caridade,
a virgem rusticidade
desta viola do sertão.

Esta linguagem bravia,
como aquela natureza,
não contém essa beleza
paciente do teu buril!
São os versos deste livro
como as águas das cascatas
e o vento, açoitando as matas
das florestas do Brasil.

Tange as cordas da tua lira
nos seus dulcíssimos trenos!,
Entoa canções à Vênus
no teu ritmo lapidar,
mas deixa-me a liberdade
de cantar numa prima,
sem arte, sem voz, sem rima,
uma cabocla a sambar.

Quisera ser ignorante,
como um cantor sertanejo!...
Era êsse o meu desejo!...
Não ter nenhuma instrução,
mas ter o dom do improviso,
para dizer, de momento,
as dores do pensamento
e as mágoas do coração.

Excelso, divino poeta,
que levas um mês inteiro,
beliscando no tinteiro,
para um soneto compor,
deixa um momento a Avenida,
vai lá nos matos sombrios
ouvir êsses desafios
de um cabra improvisador.

Não vais sentir a rijeza
de eretos alexandrinos!
Vais ouvir os dons divinos,
que Deus concede a um mortal!
Não te importes com a sintaxe,
que isso é coisa sem valia!
Sorve somente a poesia,
que é um licor celestial.

Basta de Pã, de Netuno!
Deixa a Grécia! Deixa a Itália!...
Deixa a fonte de Castália,
que, de há muito, já secou!
Vai beber as águas frescas
de uma cacimba, que é tua,
onde, à noite, a névea lua
seus versos brancos deixou.

Mas, que importa? Nada aspiro
neste país, nesta terra,
que tantos bardos encerra,
e tanto filho abandona!
Êles têm a lira ebúrnea!
São Orfeus!... São divindades!
E eu só sei cantar saudades
nesta infável sanfona.

Musset, D'Annunzio e Leconte,
Byron, Hugo, Campoamor,
já te imploram, por favor,
que os deixes lá descansar.
Demos um pouco de tréguas
a tanta coisa estrangeira,
que esta terra brasileira
tem muito e muito que dar.

Se não traduzo, a contento,
as queixas lá da viola,
uma coisa me consola: —
é cantar tudo o que ouvil!
E embora vilipendiado
com inofensivo fereza,
pertencer à natureza
desta terra em que nasci.

Eu bem sei que êsses poemas
nunca serão recitados
nos salões opulentados,
por um moço de allivez.
Seria um crime ultrajante
dizer estas frioleiras
nessas rodas brasileiras,
onde se diz em francês.

Nesta floresta de versos,
nesta espessa mataria
não se escuta a melodia
de um Chantecler de Rostand!
No sertão destes poemas,
não canta um galo estrangeiro,
mas um galo brasileiro,
saudando a luz da manhã.

Nada achareis neste livro,
Narcisos afrancesados!
Vós estais acostumados
com essas líras de além mar!
Este instrumento que eu trago
aqui, por cima do peito,
é tão bárbaro e imperfeito,
que só eu posso escutar.

E vós, gentis senhoritas,
que falais o italiano,
como o francês soberano,
as línguas em que cantais,
cuidado com a língua bárbara
dêsses sertões lá do Norte,
trescalando o cheiro forte
dos gigantes vegetais!

Fechai meu livro, senhoras!
Com o vestido decotado,
com o cabelo penteado,
e êsses finos sapatinhos,
voltareis arrependidas,
trazendo os vossos sapatos
cheirando a fólha dos matos,
e as vestes cheias de espinhos.

Nada, pois, de sacrifícios!
Nas margens de uma Avenida,
não se vê "Terra caída",
coisa que não tem valor!
Não crescem árvores rudes
que depois de decepadas,
nós já vimos revoltadas
contra um fero "lenhador"!

Vós, que lágrimas verteis,
lendo a insulta serenata
de um poeta nefelibata,
um poetastró verlainal
admirai, na "vaquejada",
como um rude boiadeiro
-respeita o seu companheiro,
mesmo sendo um animal!

Não reciteis, senhoritas,
o poema religioso
de um "cangaceiro" extremo,
o matador das estradas,
porque vereis, sem surpresa,
êsses moços que escutarem,
as gargantas rebentarem
em tremendas gargalhadas!!

Com prazer ouço uma orquestra
no multicolor dos sonidos
e, logo após, os carpidos
da viola, cantando a dor,
assim como, lendo o Dante,
logo depois ouviria
um canto dessa poesia,
que tem cheiro de verdor!

Tenho lido, desde Homero,
tudo o que se tem escrito
em versos de ouro e granito,
de impecável perfeição,
mas, (talvez seja ignorância),
às vezes fico encantado
com um verso imitricado
de um Manoel do Riachão!!!(*)

Formosos, doces Narcisos,
que andais vestidos de Imprensa,
cheios de orgulho, a doença

dos "Grandes", dos "Imortais",
que de cinco em cinco dias
tendes o rosto gravado
sob um soneto plagiado,
nas colunas dos jornais!...

Vates, Poetas principescos,
vestidos de sêda e de ouro,
a minha veste é de couro,
são rudes os versos meus!
mas só reconheço um Príncipe
da Universal Monarquia,
Rei e Papa da Poesia,
cujo nome é — Deus!

Só Deus!

CATULO CEARENSE

(*) Célebre violeiro e cantor dos sertões de Pernambuco.

COMPOSIÇÕES DE CATULLO DA PAIXÃO CEARENSE

CANTO E PIANO / PIANO SOLO

- 1819 — A Canção do Africano (M. A. Mesquita)
1820 — A Casinha Bonitinha (A Casinha Pequena)
1821 — A Choça do Monte
1822 — A Flauta (V. F. Silva)
1823 — A Fonte do Cemitério (S. Coelho) — Valsa
1824 — A Fonte do Cemitério (S. Coelho) — Canção
1825 — A Inspiração a Teus Pés (J. G. Christo)
1826 — A Noite (Romance da Estréia/Wagner)
1827 — A Rolinha
1828 — A Rosa Apaixonada (I. Almeida)
1829 — A Tua Bóca (H. Dourado)
1818 — A Viola Magoada
1830 — As Ondas Bordando a Praia
1831 — Adeus à Mocidade (Di Provenza il Mar/Verdi)
1832 — Adeus Eulina
1833 — Ai de Mim
1834 — Alva e Morena (Mário Álvares)
1835 — Alvorada do Sertão (Augusto Vasseur)
1836 — Alvorada do Sertão
1837 — Ao Luar
1838 — Apollonia Pinto
1839 — Aruê... Aruê...
1840 — Até as Fibras Mentem
1841 — Bem-Te-Vi
1842 — Bóca di Istréia
1843 — Cabóca Bunita
1844 — Cabóca di Cazangá
1845 — Carnaval (M. L. Guimarães Jr.)
1846 — Cativo Voluntário (A. Toi/Schumann)
1847 — Clélia (Luiz de Souza)
1848 — Como é Triste Amar-se Assim
1849 — Depois Que Meus Olhos te Viram
1850 — Devaneios ao Luar
1851 — Dibaixo da Cajazira (H. Muraro)
1852 — Dor é Prazer (La Nuit/Metra)
1853 — E As Almas Nunca Se Tocam
1854 — Eh Bambêra... Eh Bamberá
1855 — Enquanto De Mim Te Esqueces...
1856 — Fascinação Por Teus Olhos
1857 — Fechei o Meu Jardim
1858 — Flor Amorosa (J. A. S. Callado)
1817 — Flor Que Não Morre
1859 — Foge Dêssa Amor
1860 — Goeto de Ti, Porque Gosto (S. Bilhar)
1861 — Guarda Esta Flor
1862 — Horas Melancólicas (Bonfílio)
1863 — Inocente Desejo (I. Almeida)
1864 — Lionô
1865 — Luar do Sertão
1815 — Luar do Sertão (Fácil/D. Jacopi)
1866 — Minha Esperança
1867 — Missa de Amor (L. Souza)
1868 — Morena Morena
1869 — Não Vê-la Mais (V. F. Silva)
1870 — Nas Chagas de Minha Dor (Cadeta)
1871 — Nasci Para Te Amar (A. Medeiros)
1872 — Nos Cabelos Teus (M. Oliveira)
1873 — Nosso Símbo Ti Castigue Cabóca Sem Coração
1874 — O Adeus da Manhã
1875 — O Boêmio (A. Medeiros)
1876 — O Capanga Eleitoral
1877 — O Cego
1878 — Ó Como A Saudade Dorme Num Luar de Prata (S. Coelho)
1879 — O Doce Instante
1880 — O Juramento (J. F. Tôres)
1881 — O Meu Ideal (I. Almeida)
1882 — O Meu Jasmineiro (I. Almeida)
1883 — O Meu Mistério (J. Kallut)
1884 — O Perdão de Um Coração
1885 — O Portão (J. R. Silva)
1886 — O Portão
1887 — O Que Tu És (A. Medeiros)
1888 — O Regato
1889 — O Sertanejo Enamorado
1890 — Os Olhos Deis (I. Almeida)
1891 — Olhos Azuis
1892 — Ontem ao Luar
1893 — Palma de Martírio (A. Medeiros)
1894 — Perdôa (A. Medeiros)
1896 — Por Que Eu Fui Poeta? (J. Kallut)
1816 — Por Que Sorrir? (J. Kallut)
1895 — Por Um Beijo (A. Medeiros)
1897 — Quando Ela Passa (M. Álvares)
1898 — Quantas Saudades Pungentes dos Sons da Viola Tua
1899 — Quebrei a Jura (P. Guerra)
1900 — Rasga o Coração (A. Medeiros)
1901 — Recorda-te de Mim
1902 — Saive (I. de Almeida)
1903 — Se Cantas ao Violão (I. Almeida)
1904 — Se eu Pudesse Voar com o Pensamento
1905 — Segredos Que Não Te Disse
1906 — Sentimento Oculto (A. Medeiros)
1907 — Serenata (A. Medeiros)
1908 — Sertaneja (Ernesto Nazareth)
1909 — Sob Estréias
1910 — Sua Alma Tem a Cór das Noites de Luar
1011 — Talento e Formosura (E. O. Ferreira)
1912 — Templo Ideal (A. Pimentel)
1913 — Teu Pé
1914 — Tu És Bela
1915 — Tu És Mais Lânguida Que a Onda Errante
1916 — Tu passaste Por Este Jardim (A. Dutra)
1917 — U Alicim da Lagôa
1918 — U Capim Mais Mimoso U Viado Comeu
1919 — U Poeta do Sertão
1920 — U Roçado
1921 — Um Sonho
1922 — Vai, oh Meu Amor, Ao Campo Santo (I. Almeida)
1923 — Vem Cá Meu Anjo
1924 — Você Não Me Dá (Ernesto Nazareth)
1925 — Xixi da Grota

VIOLINO E PIANO (arranjo Carlos de Almeida)

- 1959 — Luar do Sertão

ACORDEÃO

- 1956 — Cabóca de Cazangá
1957 — Flor Amorosa (J. A. S. Callado)
1958 — Luar do Sertão
1987 — Luar do Sertão — 1 ou 2 acordeões (Fácil)
1988 — Ontem ao Luar

VIOLÃO

- 1928 — A Fonte do Cemitério
1927 — A Inspiração a Teus Pés (J. G. Christo)
1928 — A Rosa Apaixonada (I. Almeida)
1929 — A Tua Bóca (H. Dourado)
1930 — A Viola Magoada
1931 — Adeus à Mocidade
1932 — Ai de Mim
1933 — Alva e Morena
1934 — Aruê Aruê
1935 — Devaneios ao Luar
1936 — ...E as Almas Nunca Se Tocam
1937 — Flor Amorosa (Joaquim A. S. Callado)
1938 — Horas Melancólicas (Bonfílio)
1939 — Lionô
1940 — Luar do Sertão (Isaías Sávio)
1941 — Luar do Sertão (B. Chaves)
1974 — Luar do Sertão (Fácil) Nelson Piliô
1942 — Não Vê-la Mais (Viriato F. Silva)
1943 — Nos Cabelos Teus (Mário de Oliveira)
1944 — O Anel do Poeta — 2 Violões
1945 — O Doce Instante
1946 — O Juramento (J. F. Tôres)
1947 — O Perdão de Um Coração
1948 — Ontem ao Luar (P. Alcântara) — Robledo
1949 — Ontem ao Luar (P. Alcântara) Piliô
1950 — Recorda-te de Mim
1951 — Se eu Pudesse Voar com o Pensamento
1952 — Sob Estréias
1953 — Teu Amor (Pedro Galvão)
1954 — Tu És Bela
1955 — Tu Passaste Por Este Jardim (A. Dutra)
1960 — Álbum de Violão — Primeiro Volume (Piliô)
1961 — Álbum de Violão — Segundo Volume (Piliô)
1962 — Álbum de Violão — Terceiro Volume (Piliô)
1963 — Álbum de Violão — Quarto Volume (Piliô)